

O ELOGIO DA APARÊNCIA EM NIETZSCHE

Aluno: Felipe Huthmacher
Orientador: Carlos Augusto Peixoto Jr.

Introdução

Uma das questões que permeia toda a filosofia de Nietzsche é o seu questionamento da verdade. Podemos identificar em seu pensamento uma postura crítica quanto à possibilidade de se destilar uma verdade pura do mundo, levando necessariamente a questões relacionadas à própria existência do homem. A impossibilidade de se alcançar uma essência hipoteticamente verdadeira por trás da aparência teoricamente enganadora do mundo representa a batalha de Nietzsche frente à problemática metafísica científica que ele denuncia como responsável pela decadência da civilização positivista ocidental. A análise das condições em que determinados valores morais e científicos são elaborados representa um importante legado da filosofia de Nietzsche para os dias atuais.

Objetivos

Este estudo busca dar luz às concepções de Nietzsche que se referem à corrupção dos valores morais, atribuída por ele ao advento da filosofia socrática. Partindo da interpretação da tragédia grega desenvolvida pelo filósofo, procurou-se chegar até a problemática constituição da moral denunciada por ele.

Metodologia

A partir da obra “O nascimento da tragédia” (1871), temos acesso à criativa interpretação da tragédia grega desenvolvida por Nietzsche. Segundo o autor, a arte trágica dos gregos representa o equilíbrio perfeito entre os dois impulsos artísticos da natureza: o apolíneo e o dionisíaco. Sendo relacionadas a duas divindades gregas, Apolo e Dioniso, respectivamente, essas duas forças opostas mantêm uma relação de completude que possibilita a existência da arte trágica.

O deus das belas formas, Apolo, empresta a sua beleza ao saber trágico representado pelo deus Dioniso, o deus do caos e da desordem, que sem o antídoto de vida possibilitado pelo impulso apolíneo não seria capaz de existir, visto a capacidade de aniquilamento inerente à sua condição. As imagens, os atores, as falas e todo o arsenal imagético da tragédia se referem à potência apolínea que, através da arte, permite a expressão da potência dionisíaca, que mostra toda a sua capacidade de sofrimento na temática da arte trágica dos gregos, no destino do herói trágico.

Tal equilíbrio representa uma perfeita harmonia entre a bela forma apolínea da aparência e um saber desconcertante dionisíaco essencial que se manifesta encoberto. Essência e aparência se completam, estabelecendo uma relação de interdependência. Porém, ainda na mesma obra, Nietzsche faz a sua denúncia: a petulância socrática que estabelece o reduto da aparência como mentira, atribuindo os méritos da verdade ao reino do que está encoberto pelo véu apolíneo, àquilo que se encontra na essência de todas as coisas.

Segundo Nietzsche, ao afirmar ser o pensamento conceitual racional capaz de atingir a verdade do ser escondida por trás da ilusão da aparência, Sócrates estabelece a morte da tragédia ao considerar a aparência como uma mentira sem utilidade. Em “Introdução à tragédia de Sófocles” (1870), Nietzsche nos coloca essa questão de uma forma mais específica, estabelecendo a obra do poeta trágico Eurípides como a transposição da filosofia de Sócrates para o terreno da arte trágica, o que segundo ele representou o fim da tragédia grega.

Em “Crepúsculo dos ídolos” (1888), no capítulo intitulado “O problema de Sócrates”, Nietzsche apresenta uma síntese que relaciona o desprezo socrático pela aparência, denunciado na sua problematização da tragédia grega, à questão da verdade. Neste texto, o filósofo nos coloca a impossibilidade de se estabelecer juízos de valor sobre a vida, uma vez que é a própria vida quem estabelece tais valores. O repúdio de Sócrates à mentira é assim mais uma vez abordado, sendo a submissão dos impulsos artísticos criativos da natureza à razão o seu alvo principal.

Alguns resultados das reflexões sobre Sócrates e o problema da verdade, elaborado na referida obra, já haviam sido expostos em “Além do bem e do mal” (1885/86), texto em que Nietzsche relaciona o problema essência-aparência, verdade-mentira, ilusão-coisa em si, com a questão do conhecimento e posterior construção de uma moral. No primeiro capítulo desta obra, “Dos preconceitos dos filósofos”, e em alguns aforismos espaçados, Nietzsche trata do valor de um conceito moral e dos tipos de vida que possibilitam a emergência deste valor.

Conclusões

A partir dos textos estudados, podemos perceber que a crítica de Nietzsche demonstrada neste trabalho se refere à questão do conhecimento. Porém, é importante notar que não se trata de uma crítica interna ao conhecimento, uma crítica relacionada aos seus métodos e pressupostos. A idéia que o filósofo defende se relaciona à impossibilidade da própria razão como método de conhecimento justamente por ser este um projeto que despreza a aparência do mundo em nome de uma verdade essencial tida objeto único de investigação. A ilusão, inerente às formas estéticas e ao prazer possibilitado pela aparência do mundo, tomada como empecilho à certeza racional é a corrupção moral denunciada no agir filosófico de Nietzsche exposto neste trabalho.

Referências

- 1 - Machado, R. *Nietzsche e a verdade*, Ed. Graal, Rio de Janeiro, 2002.
- 2 - Nietzsche, F. *O nascimento da tragédia – ou Helenismo e Pessimismo*, Ed. Companhia das Letras, São Paulo, 1992.
- 3 - Nietzsche, F. *Introdução à tragédia de Sófocles*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2006.
- 4 - Nietzsche, F. *Além do Bem e do Mal*, Companhia das Letras, São Paulo, 1992.
- 5 - Nietzsche, F. *Crepúsculo dos ídolos*, in *Os pensadores*, Abril Cultural, São Paulo, 1978.